

RUBEM BRAGA

# OS RETIRANTES

O governo, no Rio, está preocupado com a questão dos retirantes. Creio que aqui no Sul não se conhece bem essa historia. Muita gente pensa que só ha retirantes quando ha secca pelo Nordeste. Não é isso. A secca acontece de vez em quando. Ha, então, uma crise, uma phase aguda. Mas fóra disso existe o problema em estado chronico, tão diario, tão normal que nem assusta ninguem. Quem pegar no mappa do Brasil pôde vêr que para ir do sertão do São Francisco, na Bahia, para S. Paulo, ha dois caminhos. Um é pelo proprio rio São Francisco até Pirapóra, em Minas. Em Pirapóra chegam os trilhos da Central. Os retirantes deixam o navio e sobem no vagão de segunda que, depois de uma immensa viagem por Bello Horizonte e Barra do Pirahy (pertinho do Rio) os deixa em S. Paulo. Esse caminho é preferido no inverno — o que lá quer dizer, no tempo das chuvas, quando o rio está cheio. Quando a navegação fica mais difficil, os homens descem por terra até Montes Claros, a capital do sertão mineiro, onde chega outra ponta da Central.

Andando por aquelles lados, tive occasião de viajar com retirantes que iam do Paraná para o Maranhão ou que vinham do Ceará para o Noroeste paulista. Segundo calculos do pessoal da região, só por Montes Claros passavam todo o anno cerca de . . . 12.000 homens de chapéu de couro e alpercatas em busca das lavouras do Sul. Juntando a isso o movimento de Pirapóra temos, no minimo,...

20.000 homens. E é preciso sommar a isso os nordestinos que descem por mar e desembarcam em Santos. Em resumo: vindo por mar ou pelo coração do paiz, uma população se desloca todo o anno para o Sul. Uma parte fica; outra parte, talvez attingindo uns 40 por cento, volta. E dos que voltam a maioria torna a vir. Temos assim uma grande massa de trabalhadores comendo distancias permanentemente. São braços ambulantes, em busca de bons salarios. No navio em que cheguei, outro dia, a Porto Alegre, descobri, na terceira classe, uma familia cearense.

Seu chefe me disse que já havia trabalhado na lavoura em Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco. Atravessára depois a Bahia e ficára algum tempo em Minas. Dali tomou o rumo de leste e foi para o Espirito Santo. Não se deu bem. Esteve no Rio e logo partiu para São Paulo. Ganhou algum dinheiro perto de Matto Grosso e depois foi trabalhar nas terras novas do norte do Paraná. Afinal recuou até Santos, onde topou serviços extranhos á lavoura. Ali ouviu dizer que o Rio Grande do Sul "estava bom para esse negocio de lavoura". Animando por esta informaçao, que não sei si é exacta, aqui chegou e por ahi ahi, meus senhores.

Isto é um caso individual, mais pittoresco que expressivo. O importante é o caso colectivo. Mas esta historia está ficando muito comprida; é melhor deixar para amanhã.